

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS**

PROJETO EXPERIMENTAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

DOCUMENTÁRIO

**CORRE QUE NEM MULHER: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O MOTOCROSS E O
VELOCROSS FEMININO.**

Tainara Machado

Santa Maria, RS, Brasil

2018

**CORRE QUE NEM MULHER: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O MOTOCROSS E O
VELOCROSS FEMININO.**

Tainara Machado

Projeto Experimental apresentado ao curso de Comunicação Social - Relações Públicas, área das ciências sociais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, como requisito parcial para obtenção do grau de **bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Roes Dalmolin

Santa Maria, RS, Brasil

2018

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social - Relações Públicas

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Projeto Experimental

**CORRE QUE NEM MULHER: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O MOTOCROSS E O
VELOCROSS FEMININO.**

elaborado por

Tainara Machado

como requisito parcial para a obtenção do grau em **bacharel em Comunicação
Social - Relações Públicas**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Aline Dalmolin - Professora Doutora UFSM
Presidente/ Orientadora

Carlise Porto Schneider Rudinick
Professora Doutora UFSM

Leandro Stevens
Professor Doutor UFSM

Santa Maria, 05 de Dezembro de 2018.

*“Senhor, que o capacete que me protege a
cabeça, seja a segurança de que preciso, e que tu,
Senhor, seja a minha proteção permanente.”*

(Oração do piloto)

AGRADECIMENTOS

Na metade da minha graduação, eu tinha certeza sobre o que seria o meu trabalho de conclusão de curso, não me restavam dúvidas de que o velcross seria a chave perfeita para abrir a porta desse mundo de sonhos e trabalho que está por vir.

A ideia foi minha, mas o resultado final não é mérito só meu, e apenas essa página é pouco para demonstrar tamanha gratidão que sinto pelas pessoas que me ajudaram chegar até aqui.

Começo pelos meus pais, João e Rosanara, pois sem eles, eu, literalmente, não teria nem começado esse processo. Só nós sabemos, o quanto sofremos até que minha vaga como aluna da UFSM fosse de fato confirmada. Vocês nunca hesitaram em me ajudar e me apoiar no que fosse preciso durante a graduação, por isso, meu eterno amor e gratidão a vocês dois.

À minha família, tia Quéia, tia Zanzi, Naiane, Thuane e Luane que não sossegaram até descobrir a data de defesa deste projeto, mesmo eu não querendo a presença de ninguém nesse dia. Família é pra isso. Não vivo sem vocês.

À minha vó, Catarina Cleusa (*in memoriam*), por ter me proporcionado essa família tão linda, essa conquista eu também devo a você.

Ao meu namorado, Bruno, pelo carinho, paciência e atenção de sempre.

Ao Marcos Oliveira, que mesmo com seus compromissos sempre se dispôs em me ajudar no que fosse preciso, além das dicas para que esse trabalho pudesse sair da melhor forma.

Aos meus amigos, Jéssica e Pedro, que me ajudaram durante as gravações, dando assistência e me fazendo ficar um pouco menos tensa durante essa produção.

Às minhas entrevistadas, Leticia, Maiara e Angélica, que sem vocês com certeza esse trabalho não teria saído do papel. Umas sem experiência com câmeras, outras mais acostumadas, mas nenhuma exitou em negar meu convite e aceitaram relatar as suas vivências. Esse trabalho não é meu, É NOSSO, É PRA NÓS.

Não posso deixar de agradecer ao pessoal do estúdio 21, mas principalmente ao Barbicha, que me ajudou no processo de edição deste documentário e teve a maior paciência e calma desse mundo. Te admiro.

Às Gurias do braap e ao CT Galera Galera do Braap, que são minha fonte inesgotável de apoio, incentivo, amizade e fortalecimento. O esporte fez de nós pessoas melhores, e eu agradeço vocês por me levantarem e acreditarem quando nem eu mesmo acredito em mim.

À minha orientadora, Aline Dalmolin, pela orientação durante este ano.

E finalmente, mas não menos importante, ao meu esporte. Sem o velcross, eu jamais teria conhecido pessoas tão especiais, vivido momentos tão lindos e inspiradores. Não teria feito amigos tão verdadeiros, conhecido tantos lugares dentro deste Rio Grande e não teria construído uma família maravilhosa de amigos. Não teria caído, não teria me machucado, não teria chorado inúmeras vezes, mas também, não teria aprendido que a vida é feita de quedas, tropeços e que levantar e erguer a cabeça é muito satisfatório. Me tornei uma pessoa resistente e que não desiste mais tão facilmente, e o melhor de tudo isso, aprendi a levar isso pra vida.

RESUMO

Universidade Federal de Santa Maria
Curso de Comunicação Social - Relações Públicas
Projeto Experimental

CORRE QUE NEM MULHER: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O MOTOCROSS E O VELOCROSS FEMININO

AUTORA: TAINARA MACHADO

ORIENTADORA: ALINE ROES DALMOLIN

Data e Local da defesa: Santa Maria, 05 de Dezembro de 2018.

RESUMO

O presente projeto experimental relata a produção de um audiovisual sobre três pilotas de velocross e motocross, no âmbito estadual. O produto desse projeto foi desenvolvido, a partir da percepção e vivência de uma das entrevistadas, autora desta produção, da qual percebeu a suma importância de infiltrar e exaltar as mulheres na sociedade, sejam elas através do esporte ou não, visto que as mulheres ainda sofrem com a desigualdade de gênero. O referido documentário busca registrar a presença da mulher no esporte, provocar reflexões sobre desigualdade de gênero e divulgar o envolvimento afetivo que competidores possuem com o esporte sobre duas rodas, por meio do relato das dificuldades enfrentadas pelas pilotas de velocross que competem no campeonato gaúcho, bem como suas experiências de superação, resultado da atuação e busca constantes por um espaço neste esporte tradicionalmente praticado pelo gênero masculino. Para tanto, o documentário apresenta a entrevista com pilotas competidoras da 3º Etapa do Campeonato Gaúcho de Velocross, ocorrida na cidade de Dona Francisca/RS. Entre as entrevistadas, duas competidoras são pilotas amadoras e uma atua como piloto profissional. Como resultado, o documentário permite uma reflexão acerca dos avanços já feitos e que ainda podem ser almejados pelas mulheres em esportes de predominância masculina, permite ainda instigar os profissionais da área de Relações Públicas à atuarem profissionalmente acerca de temas de relevância social, assim como é a busca pela igualdade de gêneros.

Palavras-chave: Esporte; Mídia; Mulher; Audiovisual, Documentário; Velocross; Campeonato Gaúcho; Gênero.

ABSTRACT

The present experimental project reports the production of an audiovisual about three pilots of velocross and motocross, in the state scope. The product of this project was developed from the perception and experience of one of the interviewees, the author of this production, from which she realized the importance of infiltrating and exalting women in society, whether through sport or not, since women still suffer from gender inequality. This documentary seeks to record the presence of women in sport, provoke reflections on gender inequality and publicize the affective involvement that competitors have with the sport on two wheels, by reporting the difficulties faced by velocross drivers competing in the gaucho championship, as well as their experiences of overcoming, result of the action and constant search for a space in this sport traditionally practiced by the male genre. For this, the documentary presents the interview with competing pilots of the 3rd Stage of the Gaucho Velocross Championship, held in the city of Dona Francisca / RS. Among the interviewees, two competitors are amateur pilots and one acts as a professional pilot. As a result, the documentary allows a reflection on the advances already made and still can be sought by women in sports of masculine predominance, it also allows to instill the professionals of the Public Relations area to act professionally on subjects of social relevance, just as it is the search for gender equality.

Keywords: Sport; Media; Woman; Audiovisual, Documentary; Velocross; Gaúcho Championship; Gender;

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 - Registro da série “Mulheres Espetaculares”	31
FIGURA 2 - Identidade Visual do Documentário “Corre que nem mulher”	34
FIGURA 3 - Créditos referentes às atletas	35

LISTA DE SIGLAS

ER - Esportes Radicais

FGM - Federação Gaúcha de Motociclismo

CBM - Confederação Brasileira de Motociclismo

VX - Velocross

MX - Motocross

COI - Comitê

RP- Relações Públicas

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	22
2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 O Esporte Radical	16
2.2 Documentário: Conceitos e modos fílmicos	19
2.3 Mulher e Esporte	21
3. JUSTIFICATIVA	29
4. PROBLEMA	30
5. OBJETIVOS	31
5.1 Objetivo geral	31
5.2 Objetivos específicos	31
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO PRODUTO	31
8. CONSIDERAÇÕES	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A - Roteiro de perguntas realizadas as entrevistadas	52

1. INTRODUÇÃO

Este documentário, formalizado por meio do trabalho de conclusão de curso, aborda a relação afetiva que pode existir entre o esporte e os indivíduos que o praticam. Para tanto, busca contar a vida e o cotidiano de mulheres que enfrentam diariamente questões como o machismo e a desigualdade de gênero, mas se mantêm atuantes em campeonatos de velcross e motocross.

Taublieb e Freeman (2016) demonstram em seu documentário que a competição de motociclismo - corridas em pistas de asfalto - nasceu na Europa, no pós-guerra, perto de Surrey, na Inglaterra. Nos anos 60, migrou da Europa para a América Rural onde a modalidade mais difundida naquela época no país, eram em pistas de terra. Daí origina-se a nomenclatura Motocross. Com as corridas indo para estádios no início dos anos 70, a indústria multimilionária começou a surgir e a modalidade ficou conhecida como o SuperCross.

O autor ainda expõe que os fabricantes de motocicletas japonesas como Yamaha, Suzuki, Kawasaki e Honda dominam o mercado brasileiro e americano - local onde o esporte recebe mais incentivo e é mais prestigiado - estes controlavam a imagem do esporte para atrair público. Portanto, naquela época a imagem dos pilotos na mídia e nas competições era extremamente manipulada para satisfazer o desejo das pessoas.

Piercings, tatuagens, bebidas alcoólicas, festas e drogas, não poderiam estar vinculadas com o esporte. Além disso, as mulheres participavam do esporte somente no staff, na entrega de troféus ou nas placas de largada, com roupas curtas e partes do corpo sempre à mostra, evidenciando que, naquela época, o esporte era “para homens” e a mulher, naquela instância, servia apenas para prender e atrair o público masculino (TAUBLIEB, FREEMAN 2016).

Ainda naquele período, os pilotos profissionais, fugindo da pressão das grandes marcas e das grandes competições, longe dos olhos do público, migraram para os desertos da Califórnia e criaram o freeriding, onde praticavam suas manobras em busca de diversão. Os cineastas de snowboard, Jon Freeman e Dana Nicholson, descobriram a modalidade e assim começaram a gravar. Em 1995, quebrando todos os paradigmas propostos, lançaram o primeiro filme de motocross freestyle, o “Crusty Demons Of Dirt”, que teve cerca de cem mil fitas de VHS

vendidas logo em sua primeira versão. O esporte que estava estagnado ganhou força e conquistou fãs no mundo todo, provando seu reconhecimento e dignidade de ser exibido internacionalmente (TAUBLIEB, FREEMAN 2016).

A construção histórica e os avanços dos esportes radicais no Brasil estão mais presentes nas conversas entre praticantes de diferentes gerações do que em publicações¹. Isso evidencia que o esporte radical, neste projeto referenciado pela sigla ER, não possui o mesmo reconhecimento que nos Estados Unidos ou em países da Europa. Nota-se uma diferença na maneira como ele é representado na mídia e pelas indústrias, que dispõem de poucos incentivos para as modalidades sobre duas rodas.

E se o esporte já possui poucos incentivos às categorias masculinas, às mulheres, recentemente ingressadas no esporte como atletas, possuem menos estímulos ainda. No Rio Grande do Sul, o campeonato estadual de Motocross, só recebeu a sua primeira categoria feminina no ano de 2007 e em 2016, teve sua extinção. Já no âmbito nacional, a categoria foi criada apenas no ano de 2010. E se falarmos na modalidade do Velocross, a situação é mais recente ainda, há apenas dois anos atrás, a competição abriu espaço para as mulheres, que hoje somam mais de vinte e duas inscritas.

De caráter experimental, o documentário de cunho observativo e participativo, apresenta motivações pessoais por parte da autora, que é piloto de Velocross e, no produto, uma das entrevistadas. O intuito desse filme documentário é registrar a presença da mulher no esporte, valorizando-a enquanto competidora do Velocross e do motocross. Busca-se, também, provocar reflexões sobre desigualdade de gênero e sexismo e divulgar a paixão que competidores possuem pelo esporte sobre duas rodas. Como objetivos secundários intenta-se disseminar informação acerca desse esporte que, ainda, é pouco reconhecido socialmente. Esta produção busca ainda fortalecer e incentivar a produção audiovisual através do relações públicas, uma vez que, ainda é uma área pouco explorada por esses profissionais.

Esta pesquisa se divide em contextualização teórica, descrição e análise do produto e identidade visual do documentário. Onde na contextualização teórica, trazemos questões sociais referentes à inserção da mulher no esporte e machismo e ainda a importância e o porquê da produção audiovisual através do tema, sob os

¹ As informações dos parágrafos seguintes, são fruto desses diálogos, registrados em encontros da autora com outros praticantes durante as competições de Velocross.

estudos teóricos de Ludmila Mourão, Luiza Alonso, Pierre Bourdieu, Manuel Castells, Antônio Simões, Bill Nichols, entre outros.

Em um segundo momento, relata-se como ocorreram os processos de pré-produção, como a escolha das entrevistadas e criação do roteiro, produção e pós-produção.

A partir deste delineamento metodológico e apresentação dos resultados obtidos, considera-se possível atingir o objetivo inicialmente proposto e realizar um projeto relevante no âmbito de atuação do Relações Públicas que pode (e deve) absorver em sua atuação profissional a abordagem de temas com relevância social.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, faz-se uma abordagem conceitual sobre os esportes radicais e apresenta-se o audiovisual como um importante instrumento do relações públicas para a disseminação de informações e promoção de reflexões sociais dada a sua fácil linguagem e associação aos meios de massa. A contextualização teórica se encerra com informações sobre os avanços da mulher, em especial, a história das mulheres no esporte, demonstrando como ocorrem as competições das modalidades do esporte sobre duas rodas: o Velocross e o Motocross.

2.1 O Esporte Radical

Os esportes radicais deixam de ser esportes impossíveis de serem praticados e passam a compor a célebre relação de esportes conhecidos e praticados pela população. Retratados como esportes de altos riscos ao corpo humano, e de uma grande exigência corporal para sua prática, os ER desafiam os competidores a testarem os seus limites no alcance de recordes.

Segundo Ambrust e Silva (et al, 2012, p. 284)

Essas atividades podem ser vistas de outra forma e influenciadas por outros sentidos humanos como as sensações que o movimento pode proporcionar; os sentimentos com os quais os praticantes devem se confrontar para experimentar a atividade e a intuição enquanto elemento essencial na tomada de decisão.

E ainda segundo os autores (2012, p.293) “os ER parecem ser dotados de uma grande magnitude de energia agregadora, comunicativa e desencadeadora do desejo de realização”. Ambrust, Pereira e Ricardo (2008) propõem a classificação dos esportes radicais em duas categorias: Esportes de Ação e Esportes de Aventura, que segundo os autores, faz-se necessária pelas características distintas de cada categoria.

Ambrust, Pereira e Ricardo (2008, p. 28) definem ação como “um movimento, atitude ou comportamento; manifestação de força e energia e a capacidade de fazer algo”.

O símbolo dessas atividades está num movimento importante a ser executado, um gesto técnico complexo que traduza a sua emoção, a chamada “manobra”. A atitude é sinônimo de ação e está ligada às “tribos” pois os grupos que se relacionam no seio dessas práticas tendem a ter uma

forma de linguagem, vestimenta, e comportamento que os unem. (AMBRUST, PEREIRA e RICARDO, 2008, p. 28)

Já a aventura é definida pelos autores como: dizer “o que está por vir”, com o sentido de desconhecido, imprevisível:

Esse sentido liga-se ao sentimento de buscar algo que não é tangível num primeiro momento, que é muito comum aos praticantes de modalidades na natureza, principalmente aquelas onde a distância, o clima, o esforço físico, a privação e a incerteza estão presentes. (AMBRUST, PEREIRA e RICARDO, 2008, p. 28)

Conforme os autores “ambos têm em comum o fato de estarem enraizados na busca por uma existência significativa e com o risco como agente fundamental para se viver experiências emocionais, porém se distinguem em algumas características”. (2008, p.28)

A partir destas concepções, o velcross e o motocross enquadram-se como esportes radicais de ação. O velcross ou VX, podendo assim ser chamado, é uma corrida de moto de circuito sem obstáculos², cujo objetivo é ultrapassar a linha de chegada com o menor tempo do circuito, sagrando-se então, campeão (ã) da competição. Regida por um regulamento e divididas em categorias separadas por idade, gênero, modelo e potência da moto, as provas têm duração de 10 minutos á 25 minutos mais duas voltas, dependendo das categorias.

Os pilotos e pilotas, assim chamados os praticantes da modalidade, percorrem um circuito de terra, preparado especialmente para os competidores (as) sem que haja nenhum obstáculo. As provas são cronometradas por um equipamento denominado de “transponder”³ e a partir do fechamento do tempo estipulado de cada categoria, sobe-se uma placa indicando o número total de voltas restantes para o líder do circuito, de duas e uma voltas, respectivamente. Após conclusão do número total de voltas, sobe-se então a bandeira quadriculada indicando o fim da corrida (SOUZA, 2014).

Cada organizador de prova é responsável por seguir um regulamento nacional ou estadual, liberado pela Confederação Brasileira de Motociclismo (CBM)⁴ ou em caso de corrida de nível estadual a Federação estadual que rege cada

² Diferentemente do motocross - MX - conhecido pelas rampas e acrobacias feitas pelos pilotos e suas motocicletas.

³ Equipamento que é inserido abaixo do guidão da motocicleta, e cronometra o tempo e a quantidade de voltas dadas por piloto.

⁴ Disponível em: <http://brmx.com.br/wp-content/uploads/2018/03/regulamento-brasileirodemotocross2018.pdf>

competição, no caso do Rio Grande do Sul, a (FGM)⁵. Cada organização tem o dever de oferecer condições seguras para os pilotos, uma vez que a modalidade possui alto risco para os participantes, como uma pista bem estruturada e ambulâncias disponíveis. Além disso, o praticante é responsável pela utilização de equipamentos de segurança próprios para a atividade, como: luvas, calças e camisas de manga comprida, capacete, bota e colete (SOUZA, 2014).

A autora ainda destaca que o velcross nasceu da necessidade de um esporte sobre duas rodas com menores riscos e com um custo mais acessível, uma vez que o motocross foi a primeira modalidade do esporte. As mulheres adentraram no universo das competições sobre duas rodas primeiramente, como espectadoras e admiradoras da modalidade, e geralmente por intermédio da família e amigos.

A participação das mulheres no esporte sobre duas rodas, não se restringe às modalidades do velcross e do motocross, as pilotas atuam ainda nas modalidades do enduro, cross country, rally e trilha, que não abordaremos neste projeto. As modalidades citadas, incluindo o velcross e o motocross, preveem categorias individualizadas (somente para mulheres ou somente para homens) ou ainda categorias mistas em que é permitida a participação de ambos os gêneros.

No entanto, atualmente, no âmbito nacional, não existe uma competição destinada apenas às mulheres, seja em quais forem as modalidades, diferentemente dos homens que anualmente competem no Arena Cross⁶. É importante ressaltar que o Arena Cross é hoje, uma das maiores competições de motocross do Brasil, recebendo pilotos da América Latina, e a cada edição conquista mais atenção do público. Nesse sentido, o Arena Cross, inspirado nos moldes do SuperCross, tem sido considerado o campeonato de maior visibilidade midiática, sendo transmitido em emissoras brasileiras de canal aberto, e sobretudo, patrocinado e apoiado por grandes marcas.

Nesse sentido, no que tange a eventos como o Arena Cross, as mulheres discorrem de oportunidades desiguais e, sobretudo, quanto às questões de visibilidade, reconhecimento e apoio.

⁵ Disponível em: <https://www.fgm.com.br/admin/assets/upload/regulamentos/3209039713.pdf>

⁶ Por meio de pesquisas virtuais a fim de encontrar relatos sobre a participação das mulheres na competição, foi possível detectar que no ano de 2014, a organização do Arena Cross divulgou a inclusão da categoria feminina, a MXF. Entretanto, não foi possível encontrar publicações das quais comprovam a participação das mesmas na disputa.

2.2 Documentário: Conceitos e modos fílmicos

O audiovisual foi a escolha para o produto deste projeto, pois, permite pautar assuntos sociais invisíveis ou simplesmente ignorados pela sociedade, onde, através dele, é possível explanar questões sociais que podem ser claramente compreendidas e facilmente difundidas nos meios comunicacionais, uma vez que pode ser compartilhado por diversas plataformas.

Além disso, o audiovisual pode e deve ser encarado como uma nova tecnologia a ser inserida no contexto das Relações Públicas, pois se correlaciona com novas formas de lidar com públicos e causar transformações tanto na sociedade quanto no cotidiano dos profissionais da área. As funções desse profissional são de certa forma, amplas, pois trabalha estrategicamente com as relações entre público e organização.

Portanto, o RP, é o profissional, que dentre as habilitações da comunicação social, possui mais características para trabalhar com estratégias de comunicação dentro de uma organização.

E o audiovisual, através das diversas mudanças tecnológicas, possui hoje esse caráter estratégico, pois se bem planejado, permite uma maior proximidade com seus stakeholders, provocando um impacto positivo nesses públicos, possibilitando a captação de novos públicos e fidelizando os já existentes, trabalhando efetivamente na imagem e reputação das organizações, importante atuação do relações públicas. Portanto, o interesse do profissional de RP pela produção audiovisual, se dá justamente pelo caráter estratégico que ele possui.

No Brasil, mesmo que ainda seja um privilégio, cerca de 102,1 milhões⁷ de pessoas já possuem acesso à internet, o que equivale a 57,5% da população brasileira. Além disso, conforme a pesquisa Pnad de 2016, o índice de mulheres consumidoras de internet era maior que dos homens, onde representam um índice de 58% contra 56%.

Apesar deste projeto não possuir um público de interesse pré-definido - buscando abranger a sociedade como um todo - mas, com uma pauta que interessa por vezes, mais o lado feminino do que o masculino, esses índices nos levam a crer

⁷ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>, acesso em 19/11/2018.

que, junto a fácil disseminação e compreensão da linguagem audiovisual, permite, que, essas jovens atletas possam de certa forma, dar voz a tantas outras atletas, que partilham das mesmas vivências no Brasil e no mundo, assim, produzindo um documentário com propósito e repleto de significados sociais.

De acordo com a obra *“Introdução ao documentário”* de Bill Nichols (2010, p. 26), os filmes são “nada mais nada menos” do que documentários, que podem ser classificados em dois tipos. O primeiro é denominado como “documentários de satisfação de desejos” ou chamados de ficção, dos quais representam, de forma visível e audível, os frutos imaginários do ser humano, como os sonhos, pesadelos e desejos. E o segundo como “documentários de representação social” ou chamado de não ficção, que representam a realidade do mundo.

É possível, perante conceitualização de Nichols, no que tange a classificação dos filmes, caracterizar o presente projeto como um documentário de representação social ou não ficção. Os documentários de representação social, de acordo com o autor, propõem visões mais amplas de um mundo comum, podendo-se assim, explorá-las e compreendê-las melhor. Além disso, segundo ele, as produções que exprimem essas visões: “expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes transmitem verdades, se assim quisermos.” (NICHOLS, 2010, p.27).

Literalmente os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e história social. (NICHOLS, 2010, p 27)

Nichols (2010) ainda propõe a distinção acerca do estilo fílmico de cada documentário, classificando-o em seis modos de representação, que segundo ele “funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático” (p. 135). As produções audiovisuais não precisam, necessariamente, pertencer apenas a um subgênero, podendo assim constituir-se de um ou mais modos.

Por isso, dada a conceitualização dos modos em sua obra, podemos, através do autor, amalgamar o presente produto deste projeto, como observativo e participativo. No modo observativo, o qual surgiu na década de 60, o cineasta busca a invisibilidade na cena, e capta as imagens dos participantes tal como ela é, sem

interferências que possam caracterizar falseamento da realidade, onde geralmente nesse modo, é inexistente narração, excessivas movimentações de câmera e trilhas sonoras. “O modo observativo propõe uma série de considerações éticas que incluem o ato de observar os outros se ocupando de seus afazeres”. (NICHOLS, 2010, p.148).

Já o modo participativo, que surgiu no mesmo período, propõe a participação do documentarista ao filme, tornando-se um sujeito ativo no processo de filmagem. A entrevista, nesse modo, é o que propõe a relação do cineasta com o tema. Nichols (2010, p. 153) afirma que os produtores vivem, falam da sua experiência ou representam o que experimentaram através do documentário. Ainda segundo o autor “o documentário participativo dá-nos a ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera”.

O documentário não explicita somente questões culturais e de gênero, mas também relata o cotidiano e as inúmeras dificuldades que as atletas de motocross e velcross enfrentam para manterem-se no esporte. Ainda segundo Nichols (2010) os documentários não reproduzem uma realidade, eles representam o mundo do qual vivemos. “Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares”. (p.47)

Dado, a conceitualização desses modos, podemos fazer a relação entre o teórico e o prático deste projeto. No referido produto, a autora deste projeto, que é piloto de velcross, torna-se uma das peças principais do filme, ao se tornar uma das atletas entrevistadas. Portanto, a cineasta participa como sujeita ativa do documentário que relata suas experiências e vivências acerca do tema. Além disso, as imagens das atletas dentro da pista, dentro da área de boxe e em seus acampamentos, expressam o real do campeonato gaúcho de velcross, sem que haja participação ou qualquer interferência por parte da cineasta na cena, explorando assim, a realidade no momento em que ela ocorre.

2.3 Mulher e Esporte

Apesar das diversas mudanças culturais das quais estamos vivendo, da ascensão das mulheres nos esportes em geral, da dedicação por parte destas e a incessante luta por um reconhecimento maior, seja pelos admiradores do esporte,

seja pela família e até mesmo pela mídia, os homens ainda são os protagonistas das diversas modalidades esportivas. O esporte representa, segundo Simões (2003), um modelo de realidade social básico para as mulheres, tanto participativo como profissional, pois garante meios de subsistência educativa, econômica e emocional. Ainda segundo ele, refuta o papel social e sexual da mulher imposto pelo sistema patriarcal, onde a mulher servia apenas para procriação e serviços domésticos.

Relembrando o século passado, Alonso (2003, p. 37) diz que:

Às mulheres não se recomendava correr, nem fazer atividade física alguma, como exercícios e esportes, até a década de 50. O senso comum era que os esportes e particularmente suas consequências, como a melhor definição muscular, o aumento da capacidade de respiração e a diminuição da gordura corporal, afastavam a mulher de seu destino “natural” - casamento e procriação.

No Decreto de Lei nº. 3.199, Artigo 54, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941 (Brasil, 1941), constava que: “[...] Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]”, traduzindo assim, a compreensão da forma como a sociedade percebia o gênero feminino.

Cabe lembrar também o uso dos famosos “espartilhos”, vestimenta feminina utilizada na mesma época. Como fazer atividades físicas era extremamente repudiado, “as mulheres brasileiras buscavam atingir o padrão de beleza, através de um artifício que restringia a mobilidade de seu corpo, além de trazer prejuízo à saúde e ao bem-estar” (MOURÃO, 2003 p. 127).

O papel social do homem e da mulher foram legitimados na sociedade através de diversos fatores, fazendo com que o homem, fosse considerado um ser superior à mulher, assumindo assim, lugares, deveres, privilégios e distinções sobre o gênero oposto. Bourdieu (1999) demonstra em sua obra o que ele chama de “esquema sinóptico das oposições pertinentes”, que, segundo o autor, registra:

(...) como que as diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo, sobretudo por todos os ciclos biológicos e cósmicos. (1998, p.16)

De acordo com o esquema Bourdieu (1999, p 41-2), explica que:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada: é a elas que cabe a tarefa longa, ingrata e minuciosa de catar, no chão mesmo, as azeitonas ou achas de madeira, que os homens, armados com a vara ou com o machado, deitaram por terra; são elas que, encarregadas das preocupações vulgares da gestão quotidiana da economia doméstica, parece comprazer-se com as mesquinhas do cálculo, das contas e dos ganhos que o homem de honra deve ignorar. (BOURDIEU, 1998, p. 41-2)

Ainda segundo o autor a divisão entre os sexos parece estar, historicamente, "na ordem das coisas", que faz referência ao falar do que é considerado como normal, típico e natural e que está enraizado na cultura social e nos hábitos dos indivíduos.

Mas ao longo do tempo, as mulheres, conquistaram espaços e a diferença entre o gênero masculino, diminuiu gradativamente, mesmo que de forma lenta. Às mulheres, já se restringiu não só o esporte, mas a diversos direitos sociais, como o de votar, por exemplo. Nessa incessante busca por reconhecimento, autonomia e liberdade, já conquistaram diferentes espaços nas esferas administrativas, públicas, educacionais, artísticas e claro, desportivas.

Em um sistema patriarcal, onde a mulher, não tinha "voz, nem vez", tornou-se impossível ignorar a presença das mulheres em todos os segmentos da sociedade. "O chamado sexo frágil tornou-se ativo, passando a ocupar os últimos espaços típicos da resistência patriarcal". (SIMÕES, et al. 2004, p. 67).

Esses processos de conquista se fortaleceram e se fortalecem até hoje, através do agrupamento de mulheres que lutam por uma única causa: a igualdade, sem distinção de gênero, classe social, raça ou credo. Onde lutam contra as diversas formas de opressão e buscam por uma sociedade mais justa e igualitária.

Castells explica que essas ações são chamadas de manifestações identitárias ou movimentos sociais, do qual define como “ações coletivas que possui um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade”. (CASTELLS, 1999, p. 20 apud AZEVEDO, 1999, p 304-5).

O movimento feminista surgiu, após a revolução francesa, no século XIX, onde as principais reivindicações estavam ligadas aos direitos políticos e a liberdade de escolha das mulheres. Já nos anos 60 e 90, a busca pela igualdade social e igualdade de direitos levaram as mulheres a contestar as submissões e a discrepância das quais sofriam.

Além dessas contestações, as mulheres indagavam também sobre a liberdade sexual, maternidade e direitos de reprodução. As mulheres uniram-se nessa época a fim de provocar alterações na sociedade, uma vez que, o que as mantinham relacionadas, era justamente a insatisfação na forma como eram julgadas e da exclusão perante a sociedade, isso tudo porque eram simplesmente mulheres.

Nesse mesmo período, as mulheres negras e homossexuais, juntaram-se ao movimento impulsionando-o e promovendo novas discussões acerca do feminismo. Esse processo se define através da busca por uma identidade coletiva, que segundo Azevedo (1999, p. 305) se dá pela “construção de significado com base em um atributo cultural ou em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado”. O autor ainda relaciona essa construção social da identidade coletiva, através das relações de poder e define o movimento feminista como: Identidade de Resistência.

Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmos opostos a esses últimos. (CASTELLS, 1999 apud AZEVEDO, 1999 p. 305).

Ainda segundo Simões (2003 p. 5):

Mulher e homem são diferentes pela natureza biológica e psicológica. O feminismo, como fenômeno sociológico, é resultado de um crescente paralelismo entre a evolução das formas pelas quais os homens procuram manter a plenitude dos poderes de subsistência e a evolução dos papéis e nas funções predominantemente relacionados com o tipo de produção.

Se realizarmos uma breve reflexão acerca das competições, nos deparamos com os homens, sendo avaliados pelo seu nível de força, coragem, velocidade e competitividade em esportes de alta performance. Já as mulheres, são avaliadas pela beleza, graciosidade e estrutura corporal em concursos de beleza, como os de misses, por exemplo.

Por décadas, os concursos de beleza, carregavam consigo, a imagem de que uma mulher miss era apenas bonita, e somente seu corpo e sua desenvoltura na passarela eram avaliados, onde por muitas vezes, a mulher servia apenas para ser um rosto e um corpo bonito, sem capacidade intelectual e cognitiva representados. Assim, a mulher miss, era reconhecida como bonita, porém burra.

Essa relação, no âmbito esportivo não é diferente, vejamos:

(..) o tênis feminino brasileiro, não compartilha o mesmo prestígio do masculino. Enquanto Gustavo Kuerten está sempre nas manchetes dos jornais dada seu excelente desempenho, as brasileiras tentam sair do ostracismo (a exceção é Vanessa Menga, que chegou às manchetes não por seu jogo, mas por sua beleza). (MOURÃO, 2003, p 132).

Caracterizado como um esporte “para homens”, mesmo com a gradativa presença feminina, o VX e o MX, ainda destina o principal espaço para eles, e portanto, cria-se o estereótipo da mulher esportista, onde segundo Alonso (2003, p. 44) “muitas dessas mulheres ainda são obrigadas a pagar um alto preço por ousar ser como homens”. Mourão (2003, p. 131) complementa esse pensamento ao dizer que os preconceitos ligados ao gênero e o estereótipo do “sexo frágil”, ainda rodeiam as atletas que praticam esportes que exigem velocidade, força e impacto (..) onde ressalta que, “é comum atribuir rótulo de masculinizadas as mulheres que participam dessas modalidades”.

As mulheres esportistas, ou a mulher-atleta, carrega consigo, a imagem, perante a sociedade, de mulheres fortes, destemidas, dignas e vencedoras, porém, solitárias e independentes. Arquétipo das deusas do esporte, Artémis e Atenas. Artémis representa nas mulheres o que há de mais independente, auto-suficiente e glorioso, que encontra no esporte, a aprovação e o amor do pai, sem que a feminilidade caia em esquecimento. Ela representa, segundo Alonso (2003, p. 41), “o nosso contínuo desejo de quebrar recordes e assim ganhar visibilidade, reconhecimento e amor incondicional.”

Nesse contexto histórico-sócio cultural, é inegável que as pilotas de VX e MX sejam um sinônimo de resistência, frente às opressões culturais impostas a atletas

de esporte de alto rendimento, cujas modalidades-tema deste projeto, previamente citadas na seção um, são considerados esportes radicais de ação, que exige esforços físicos demasiados.

O ER, assim sendo, possibilita que as mulheres mostrem que não são sinônimos de fragilidade e fraqueza, e que podem adquirir respeito, prestígio e reconhecimento social através de seu desempenho no campo esportivo, exteriorizando, que “as mulheres são iguais, ou até melhores que os homens, ainda que algumas vezes seja preciso ocultar as curvas do corpo.” (ALONSO, 2003, p.42).

E se antes, a mulher era proibida de praticar exercícios físicos, hoje atentamos para um extremo avanço, onde as mulheres não somente praticam exercícios físicos para o bem-estar e qualidade de vida, mas participam dos esportes de alto rendimento ou os esportes de alta performance. Essa inserção nos esportes de competição se deu inicialmente na Grécia Antiga, na Era Clássica (776 a.c) em festivais esportivos e religiosos na cidade de Olímpia, onde ascendia nos Jogos Olímpicos de 1896, chegando até hoje, nos jogos olímpicos modernos.

É oportuno dizer que a integração das mulheres nos esportes de competição, não se sucedeu de forma fácil. Fazendo uma breve análise da obra de Devidé (2005), sobre a história das mulheres nos jogos olímpicos modernos, onde sob a liderança do barão Pierre de Coubertin, em 1894, ocorreu à proposta de renovação dos jogos olímpicos⁸ do qual se inaugurou em Atenas como Jogos Olímpicos Modernos, no ano de 1896.

Na ocasião, não se falava sobre a participação das mulheres nos jogos e segundo Jenigan 1980 apud Devidé 2005, Coubertin, concebia a competição e o esporte como parceiros na educação do homem, com fins formativos de aperfeiçoamento da personalidade e enobrecimento. Ainda segundo o autor, o presidente do COI⁹, só concordava com a presença das mulheres nos jogos, se as mesmas, fossem apenas, espectadoras. Coubertin ainda ratificava a “lei da natureza”, citada anteriormente, onde a mulher reservava-se às responsabilidades domésticas e reprodutivas.

A exclusão das mulheres se baseava nos ideais vitorianos sobre os papéis sociais apropriados para ambos os sexos, nos quais ao homem associava-se os conceitos de vigor, moralidade, combatividade e a visibilidade pública,

⁸ “Os jogos olímpicos Antigos se iniciaram em 776 a.C e foram interrompidos em 393 d.C” (Devidé, 2005, p. 88)

⁹ Comitê organizador dos Jogos olímpicos.

todos valorizados nos Jogos Olímpicos, e a mulher a maternidade, o cuidado com a casa e a cláusula do lar. (Devide, 2005, p. 90)

Naquele período, com o surgimento do movimento social feminista, três ativistas, em 1902, surgem e organizam uma conferência em Washington, com o objetivo de criar uma organização feminina com reivindicações liberais. Em 1990, surgia a Aliança Internacional de Mulheres, cerca de 90 anos depois. Devide ainda ressalta que as ideias do Barão Coubertin no que tange às mulheres nos jogos olímpicos, precisam ser interpretadas e contextualizadas de acordo com a época. Segundo o autor, Coubertin reconhecia o direito das mulheres a uma educação esportiva, e inclusive a competição entre elas, porém, longe do público masculino (p.92).

Em 1900, em Paris e em 1904, em Saint Louis, surgem as primeiras modalidades femininas, após Coubertin deixar a presidência do COI. No primeiro ano, cerca de dezenove mulheres, participaram das modalidades de golfe e tênis. A partir daí as mulheres passam a compor as equipes esportivas, somando na terceira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, trinta e seis mulheres de quatro países, nas modalidades de tênis, arco e flecha, ginástica e iatismo. (Devide, 2005)

Após os XI Jogos Olímpicos de Berlim, em 1931, a II Guerra Mundial eclodiu e a partir daí as mulheres ganham espaços nas esferas políticas, públicas e sociais. Em 1948, surge a declaração universal dos direitos humanos, onde condenava qualquer ato discriminatório, em específico ao de gênero. Esse período é marcado pelo crescimento das mulheres na vida acadêmica, profissional e desportiva, e muitas passaram a trabalhar em empregos remunerados.

Em 1981, com o COI sob o novo comando do presidente Juan Antônio Samaranch, na oitava sessão do comitê, após 75 anos de sua fundação, Pirjo Hagman e Flor Isava - Fonseca tornaram-se as primeiras mulheres membros do comitê, marcando uma nova era das mulheres no esporte, após muitas rejeições.

Finalmente em 2004, na Grécia, nos XXVIII Jogos Olímpicos Modernos, as mulheres já somavam 15 representantes do COI, sendo uma delas vice-presidente do comitê, e ao contrário dos primeiros jogos, onde as mulheres reservava-se o direito de participação em apenas oito modalidades e com cerca de dezessete atletas, em 2004 as mulheres somavam um total de 4.412 participantes, correspondentes a 40,6%, competindo em vinte e seis modalidades. (p.127)

Essa breve análise da história do esporte, no contexto olímpico, indica que as mulheres-atletas, apesar das diversas discriminações, da qual devemos ressaltar que acontecem até hoje, conseguiram ascender e conquistar espaço e reconhecimento. É relevante dizer que as mulheres, em um período marcado por guerras e relações de poder bem difundidas, foram corajosas e destemidas ao reivindicarem seus direitos.

A conquista é uma abordagem sem barreiras, nem limites, que torna impotentes quaisquer restrições ao comportamento das mulheres em busca de resultados, à medida que foram quebrando paradigmas e tornando-se mais influentes, sustentando padrões de comportamento que envolve até mesmo a transgressão das leis da sociedade. (SIMÕES et al. 2004, p. 69)

Podemos concluir que, através da hipótese de Castells (1999), o sucesso das mulheres no âmbito social e esportivo, se dá, associado ao movimento feminista, a combinação de quatro elementos:

A transformação da economia e do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação; as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, que proporcionaram o controle sobre a gravidez e a reprodução humana; o avanço da crítica cultural ao poder patriarcal, fruto dos movimentos sociais da década de 60 e a rápida difusão dos desafios ao patriarcalismo em uma cultura globalizada, chegando até ao questionamento da heterossexualidade como norma. (CASTELLS, 1999 apud AZEVEDO, 1999, p. 309)

É importante ressaltar, ao fim dessa contextualização teórica, que dado a inexistência de trabalhos científicos no campo dos esportes radicais nas modalidades de velcross e motocross, houve a necessidade de propor uma pesquisa com base nos estudos das mulheres no campo olímpico, modalidades essas que não competem na mesma categoria do VX e do MX. Mas quais as motivações que levam à ausência desses trabalhos e até, conforme vimos no item 1 desta contextualização, a não contemplação da categoria feminina em eventos de VX e MX?

Identificar tais motivações pode nortear o posicionamento dos organizadores e divulgadores desses eventos, provocando reflexões que ratificam ainda mais a necessidade de trabalhos no campo esportivo e, sobretudo nos esportes de duas rodas. Uma das motivações pode referir-se a não previsão ao baixo número de praticantes na categoria feminina. Para Schwartz (et al, 2013) isso seria estimulado por

(...) fatores financeiros que dificultam na aquisição de equipamentos específicos, restrita oportunidade de participação em eventos competitivos e deslocamento para locais de treino. Além disso, a falta de tempo para conciliar trabalho, família e o esporte também contribuem para dificultar o envolvimento das mulheres (...) o preconceito de uma forma geral, (...) inclusive expresso de forma velada (...) o ciúme de estar em contato com outros homens, por visões estereotipadas da própria sociedade, ao se considerar um esporte estritamente masculino, ou pela desvalorização de capacidades e habilidades, como a força e resistência.

Em outro estudo Schwartz (et al, 2016) destaca que ainda persistem obstáculos decorrentes do alto custo dos equipamentos e das viagens para competições, bem como a pouca “visibilidade da mulher nesses esportes e o respeito à suas iniciativas” como impeditivos para a consolidação destas como profissionais do esporte. No entanto, segundo o autor, acima de todos os fatores citados, há o gosto e a identificação das mulheres com as modalidades de esportes radicais. A formação familiar, mas também cursos e eventos norteiam a atuação das mesmas conferindo persistência e mantendo-as cada vez mais atuantes no esporte que praticam. Outro fator que contribui para esse avanço são as novas tecnologias utilizadas como estratégia para se desenvolver habilidades no esporte e para disseminar suas próprias atuações. Entre essas tecnologias, estão as pertencentes à área de comunicação, como o uso de redes sociais para divulgar conquistas, motivações e anseios ajudando as competidoras a vencer o estigma ainda presente.

3. JUSTIFICATIVA

O interesse pela produção deste projeto justifica-se pelo fato da autora ser piloto de velcross e, por vivenciar as dificuldades e realizações da categoria, idealizar a publicação de um documentário como uma maneira eficaz de tornar público a realidade das mulheres em um esporte radical de ação, caracterizado pelos riscos que provoca em competidores, e pelos preconceitos relacionados ao gênero feminino.

A escolha do instrumento de publicação se baseia no fato de, atualmente, os documentários serem a melhor forma de transmitir uma ideia e chamar atenção da sociedade para um problema invisível. Isso por que, é normal termos, por exemplo, aparições masculinas em canais esportivos, jornais impressos, tv, redes sociais e demais meios digitais como protagonistas, em diferentes âmbitos de um mesmo esporte (treinador, dirigente, atleta ou torcedor). No entanto, as mulheres são a

minoria nessas aparições quando o assunto é esporte e retratadas como uma exceção à regra, quando, na verdade, em alguns esportes são protagonistas¹⁰.

O documentário “*Corre que nem mulher*” procura mostrar a importância da mulher na sociedade, em específico no esporte sobre duas rodas, que embora em ascensão, não é retratado de uma maneira satisfatória perante a mídia. Visando ainda mostrar à sociedade a capacidade que as mulheres possuem de alcançar seus objetivos independentemente das dificuldades que lhe são impostas.

Por meio deste projeto, cria-se um espaço de visibilidade entorno das entrevistadas e do esporte, permitindo uma nova visão acerca das modalidades, além de propor um reconhecimento mediante a estas atletas, fazendo com que conquistem além de espaço, suportes necessários para a prática do mesmo.

4. PROBLEMA

Considerando como campo de estudo o campeonato gaúcho de 2018, têm-se como problema de pesquisa, inquietudes sobre a presença das mulheres no esporte radical referente à distinção de gênero e a difícil aceitação das mulheres na modalidade esportiva por parte exclusivamente dos homens, o chamado “machismo”, além de provocar reflexões acerca do pouco reconhecimento e empenho sobre os pilotos e pilotas, por parte das federações e organizações de prova.

A ideia do projeto é, além de produzir um filme documentário, buscar o maior reconhecimento às mulheres, divulgar o VX e o MX primeiramente no âmbito estadual, oportunizando uma maior visibilidade às modalidades. Partindo do princípio de que o audiovisual, através da fácil disseminação e linguagem, abrangerá maior público e, conseqüentemente, permitirá expandir a temática àqueles que não a vivenciam ou não a tinham como uma inquietude dentre suas percepções sociais.

¹⁰ Como exemplo podem ser citadas Aída dos Santos no Atletismo (primeira mulher brasileira a disputar uma final olímpica, em 1964) Maria Lenk na natação (primeira sul-americana a participar de uma Olimpíada); Amanda Nunes no Ultimate Fighting Championship (primeira atleta brasileira a conquistar um cinturão da categoria); Yane Marques no Triatlon; Maya Gabeira no Surf (penta campeã no maior prêmio global de ondas grandes); Daiane do Santos na ginástica (primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em uma edição do Mundial).

5. OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Produzir um documentário que através das falas das pilotas, revele os problemas envoltos à desigualdade de gênero na prática esportiva estereotipada “para homens”.

5.2 Objetivos específicos

- Demonstrar a importância da mulher no esporte.
- Observar através das falas se há uma rejeição masculina.
- Mostrar a dificuldade que a mulher enfrenta para ser valorizada e reconhecida no esporte.
- Exaltar o amor pelo esporte.

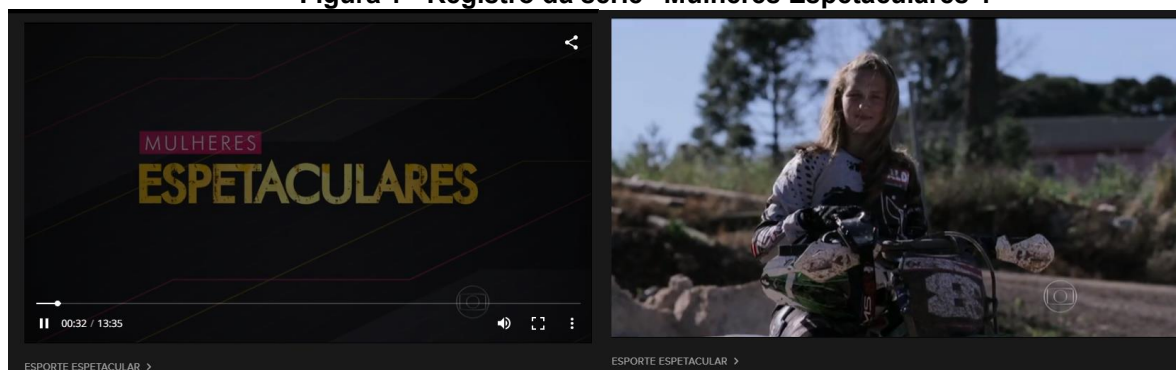
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO PRODUTO

O processo constituinte deste projeto experimental pode ser classificado em fases que se iniciaram com a pesquisa e busca por referências documentárias que abordassem o tema escolhido e seguiram para a definição escolha das entrevistadas, a locação, equipamentos utilizados, criação do roteiro de duas colunas, a formação da equipe na produção e pós-produção e a identidade visual do projeto.

As fases apresentadas e que foram adotadas no presente projeto, estão de acordo com Zettl (2011) que descreve as etapas da pré-produção sendo compostas pela escolha da equipe técnica, reuniões gerais de produção, análise técnica e cronograma, criação de roteiro, escolha de elenco, pesquisa e escolha de locação, decupagem e orçamento definitivo.

O Documentário *“Corre que nem mulher”* possuiu como uma das suas grandes referências à série *“Mulheres Espetaculares”* exibida no Programa Esporte Espetacular da Rede Globo (Figura 1). A série retratava Juliana Sana, Repórter da Globo, convivendo durante sete dias com atletas de diversas modalidades, se propondo a praticar as atividades referentes a cada atleta.

Figura 1 - Registro da série “Mulheres Espetaculares”.



Fonte: Globoplay

No que tange a escolha das participantes protagonistas deste produto, observou-se a necessidade da escolha de atletas que estivessem em cenários diferentes em relação ao esporte, podendo assim, mostrar a realidade das pilotas profissionais e amadoras. Por isso, foram escolhidas três pilotas:

1. Pilota Profissional de Motocross, Velocross e Enduro.

- Maiara Basso: patrocinada pelas marcas internacionais e nacionais KTM Sacramento, Rinald Pneus e Protork.
 - Reside na cidade de Gentil/RS;
 - Títulos: Hepta Campeã Brasileira de Motocross; Vice- Campeã Latino Americano de Motocross; Dodeca Campeã Gaúcha de Velocross; Campeã Brasileira de Enduro Fim;

2. Pilotas amadoras de Velocross.

- Tainara Machado: Autora deste projeto e estudante de relações públicas.
 - Reside na cidade de Santa Maria/RS;
- Leticia Toescher: Estudante de direito e vendedora de telemarketing.
 - Reside na cidade de Santa Maria/RS;

O campeonato gaúcho de velocross, campo de estudo deste projeto, é dividido em seis etapas que ocorrem em cidades distintas do Rio Grande do Sul. Teve-se como escolha de locação, a cidade de Dona Francisca - RS, cidade esta

que fica localizada a 62 km de Santa Maria, e que foi palco da terceira etapa do campeonato, que aconteceu no dia 21 e 22 de julho de 2018. A escolha justifica-se pela proximidade da cidade residente da autora do projeto, e ainda, pela facilidade da captação das imagens com todas as pilotas que, conforme descrito acima, residem em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, entendia-se como necessário e importante, que as captações ocorressem dentro do campeonato, pois só assim, o documentário poderia de fato, trazer aos espectadores a realidade de uma competição. Ainda no que se refere às locações, a Pista do Mortari, localizada na cidade de Santa Maria - RS foi à escolhida para as gravações da abertura deste produto.

Após a escolha das atletas, escolha das locações e a busca por referências para a construção desse projeto, elaborou-se então, o roteiro de duas colunas, que serviu como base para a produção.

VÍDEO	ÁUDIO
<p>(ABERTURA)</p> <p>PLANO 1</p> <p>Lettering central branco com fundo preto: 3º ETAPA DO CAMPEONATO GAUCHO DE VELOCROSS, DONA FRANCISCA – RS, 21 E 22 DE JULHO DE 2018.</p> <p>PLANO 2</p> <p>Cena: Maiara Basso sentada fechando uma bota. Plano: fechado Movimento de câmera: Panorâmico Efeito: Câmera lenta. Ângulo: frontal</p> <p>PLANO 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Inicialmente som do ronco do motor alto. ● Posterior LOCUÇÃO ON (narrador do campeonato), baixa som da moto. <p>Voz masculina com entonação grave narrando a abertura do campeonato.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG a ser definida. <p>Trilha sonora: batida forte.</p>

<p>Cena: Leticia vestindo a camisa, sem que mostre seu rosto. Plano: Meio primeiro plano. Movimento de câmera: Câmera fixa. Efeito: Câmera lenta. Ângulo: $\frac{3}{4}$</p> <p>PLANO 4</p> <p>Cena: Angélica colocando as luvas. Plano: Detalhe. Efeito: Câmera lenta. Ângulo: Perfil/ $\frac{3}{4}$ Movimento de câmera: Câmera fixa.</p> <p>PLANO 5</p> <p>Cena: Maiara Basso colocando o capacete com óculos, sem mostrar cabelos e rosto. Plano: Plano detalhe. Efeito: Câmera lenta. Ângulo: $\frac{3}{4}$ Movimento de câmera: Tilt.</p> <p>PLANO 6</p> <p>Cena: Tainara ligando a moto. Plano: Plano detalhe Efeito: Câmera lenta. Movimento de câmera: Câmera fixa.</p> <p>PLANO 7</p> <p>Cena: Imagem das pilotas de costas em cima da moto e distanciando-se da câmera. Plano: Aberto Movimento de câmera: Movimento dentro do quadro. Efeito: Câmera lenta.</p> <p>PLANO 8</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG a ser definida. <p>Trilha sonora: batida forte.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG a ser definida. <p>Trilha sonora: batida forte.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG a ser definida. <p>Trilha sonora: Batida forte.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG. (BAIXA BG) ● Sobe o som ambiente. <p>Som ambiente: Barulho da moto ligando e o ronco do motor ao acelerar.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG. (BAIXA BG) ● Sobe o som ambiente. <p>Som ambiente: Barulho da moto ligando.</p>
---	--

<p>Cena: Pilotas andando dentro da pista. Plano: Aberto Movimento de câmera: Panorâmico/ Trajetória.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Som ambiente em evidência. ● Trilha sonora em BG ao fundo. <p>Som: Barulho da moto inicialmente mais forte e a maneira em que ela se distancia da câmera, o som diminui.</p>
<p>PLANO 9</p> <p>Cena: Pilotas saindo da pista e se posicionam uma ao lado da outra e tiram o capacete, revelando assim, que são mulheres. Plano: Aberto Movimento de câmera: Fixo Efeito de transição: Fade Out</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Som ambiente em evidência. ● Trilha sonora em BG ao fundo. <p>Trilha sonora: Forte e que remeta a ação.</p>
<p>PLANO 10</p> <p>Mantém tela preta e insere lettering. Efeito: Fade in TEXTO: CORRE QUE NEM MULHER Identidade visual a definir.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG (ALTA BG) <p>Trilha sonora a ser definida.</p>
<p>PLANO 11</p> <p>Mantém a tela preta e insere lettering. Efeito: Fade In TEXTO: “CONHECIDO COMO VELOCROSS OU VELOTERRA, O ESPORTE RADICAL QUE É UMA MODALIDADE DERIVADA DO MOTOCROSS, PRATICADO ATRAVÉS DE MOTOS EM PISTAS DE TERRA SEM OBSTACULOS. SURTIU NA DECÁDA DE 60 E TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO CONCLUIR O CIRCUITO EM MENOR TEMPO, VENCENDO ASSIM, OUTROS</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Trilha sonora em BG (ALTA BG) ● Trilha sonora em BG a ser definida

COMPETIDORES”.

PLANO 12

Mantém a tela preta e insere lettering.
TEXTO: “O ESPORTE, AINDA DOMINADO POR HOMENS, GANHA A PRESENÇA FEMININA POUCO A POUCO, EVIDENCIANDO A FORÇA DAS MULHERES, UMA VEZ QUE É CONSIDERADO DE ALTO RISCO, COM ALTOS CUSTOS E QUE EXIGE MUITA DEDICAÇÃO”.

PLANO 13

PILOTA 1 – Maiara Basso

Cena: Imagem da pilota 1 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 1 e 2.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo e principais títulos.

Plano: Plano fechado

Ângulo: $\frac{3}{4}$ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 1: Como você começou no esporte, qual é a tua rotina de preparação e o que o esporte representa na tua vida?

PERGUNTA 2: Quais foram as tuas maiores dificuldades no esporte?

IMAGEM DE APOIO.

PLANO 14

PILOTA 2 – Leticia Bordin

Cena: Imagem da pilota 2 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 1 e 2.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo.

Ângulo: $\frac{3}{4}$ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 1: Como você começou no esporte, qual é a tua rotina de preparação e o que o esporte representa na tua vida?

PERGUNTA 2: Quais foram as tuas maiores dificuldades no esporte?

- Trilha sonora em BG (ALTA BG)
- Trilha sonora em BG a ser definida

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

IMAGEM DE APOIO.

PLANO 15

PILOTA 3 - Angelica Laimer

Cena: Imagem da pilota 3 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 1 e 2.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: $\frac{3}{4}$ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 1: Como você começou no esporte, qual é a tua rotina de preparação e o que o esporte representa na tua vida?

PERGUNTA 2: Quais foram as tuas maiores dificuldades no esporte?

IMAGEM DE APOIO

PLANO 16

PILOTA 4 – Tainara Machado

Cena: Imagem da pilota 4 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 1 e 2.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: $\frac{3}{4}$ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 1: Como você começou no esporte, qual é a tua rotina de preparação e o que o esporte representa na tua vida?

PERGUNTA 2: Quais foram as tuas maiores dificuldades no esporte?

IMAGEM DE APOIO

PLANO 17

Tela preta e insere lettering.

Efeito: Fade in

TEXTO: "AS DIFICULDADES"

PLANO 18

PILOTA 1 – Maiara Basso

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação mais séria.

- **Trilha sonora em BG. (Alta BG)**

Cena: Imagem da piloto 1 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 3,4 e 5.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo e principais títulos.

Plano: Plano fechado

Ângulo: ¾ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 3: Quais são as pessoas que mais te incentivam a ser piloto de velcross?

PERGUNTA 4: Já passou por momentos em que tu pensou em desistir ou imaginou que jamais conseguiria estar aqui, competindo em um campeonato gaúcho?

PERGUNTA 5: Qual o melhor momento dentro da pista? E Por quê?

PLANO 19

Cena: Imagem de todas as pilotas da categoria, não apenas as entrevistadas, alinhadas em cima das motos no box antes do início da prova, em concentração. Clima tenso.

Plano: Plano conjunto

Movimento de Câmera: Travelling/
Pânorâmico.

Ângulo: 3/4

PLANO 20

PILOTA 2 – Leticia Bordin

Cena: Imagem da piloto 2 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 3,4 e 5.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo.

Ângulo: ¾ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 3: Quais são as pessoas que mais te incentivam a ser piloto de velcross?

PERGUNTA 4: Já passou por momentos em que tu pensou em desistir ou imaginou que jamais conseguiria estar aqui, competindo em um campeonato gaúcho?

PERGUNTA 5: Qual o melhor momento dentro da pista? E Por quê?

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação mais séria.

- Trilha sonora em BG. (Alta BG)

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

PLANO 21

Cena: Pilotas no gate de largada.

Plano: Plano geral conjunto.

Movimento de câmera:

Travelling/Pânoramico.

Ângulo: Frontal

PLANO 22**PILOTA 3 – Angélica Laimer**

Cena: Imagem da pilota 3 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 3,4 e 5.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: ¾ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 3: Quais são as pessoas que mais te incentivam a ser piloto de velcross?

PERGUNTA 4: Já passou por momentos em que tu pensou em desistir ou imaginou que jamais conseguiria estar aqui, competindo em um campeonato gaúcho?

PERGUNTA 5: Qual o melhor momento dentro da pista? E Por quê?

PLANO 23**PILOTA 4 – Tainara Machado**

Cena: Imagem da pilota 3 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 3,4 e 5.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: ¾ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 3: Quais são as pessoas que mais te incentivam a ser piloto de velcross?

PERGUNTA 4: Já passou por momentos em que tu pensou em desistir ou imaginou que jamais conseguiria estar aqui, competindo em um campeonato gaúcho?

PERGUNTA 5: Qual o melhor momento dentro da pista? E Por quê?

PLANO 24

Mantém a tela preta e insere lettering.

Efeito: Fade In

- **LOCUÇÃO ON EM EVIDÊNCIA**

Voz feminina, suave e com entonação grave.

- Som do ronco dos motores baixo.

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**

Voz feminina, suave e com entonação alegre.

TEXTO: A MULHER NO ESPORTE

PLANO 25

Mantém a tela preta e insere lettering.

TEXTO: O CAMPEONATO GAÚCHO DE VELOCROSS SOMENTE EM 2015 CRIOU UMA CATEGORIA ESPECIFICA PARA MULHERES, OBTENDO CERCA DE 3 PILOTAS INICIALMENTE.

PLANO 26

Mantém a tela preta e insere lettering.

TEXTO: “HOJE, EM 2018, O CAMPEONATO POSSUI DUAS CATEGORIAS FEMININAS, SEPARADAS PELA POTÊNCIA DAS MOTOCICLETAS, TOTALIZANDO CERCA DE 22 MULHERES”.

Efeito: Fade out

PLANO 27

PILOTA 1 – Maiara Basso

Cena: Imagem da piloto 1 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 6,7 e 8.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerdo do vídeo.

Ângulo: ¾ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 6: Quais foram as tuas maiores superações no esporte? E como tu analisa a questão de mulheres cada vez mais entrarem pra esse mundo?

PERGUNTA 7: Tu acredita que ainda existe o preconceito com as mulheres no esporte?

Existe machismo no velcross?

PERGUNTA 8: Você já sofreu alguma atitude machista? Qual?

PLANO 28

PILOTA 2 – Leticia Bordin

Cena: Imagem da piloto 2 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 6,7 e 8.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo.

- Sobe trilha sonora em BG.

- Trilha sonora em BG.

- Trilha sonora em BG.

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

Ângulo: ¾ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 6: Quais foram as tuas maiores superações no esporte? E como tu analisa a questão de mulheres cada vez mais entrarem pra esse mundo?

PERGUNTA 7: Tu acredita que ainda existe o preconceito com as mulheres no esporte?

Existe machismo no velcross?

PERGUNTA 8: Você já sofreu alguma atitude machista? Qual?

PLANO 29

PILOTA 3 – Angélica Laimer

Cena: Imagem da piloto 3 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 6,7 e 8.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: ¾ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 6: Quais foram as tuas maiores superações no esporte? E como tu analisa a questão de mulheres cada vez mais entrarem pra esse mundo?

PERGUNTA 7: Tu acredita que ainda existe o preconceito com as mulheres no esporte?

Existe machismo no velcross?

PERGUNTA 8: Você já sofreu alguma atitude machista? Qual?

PLANO 30

PILOTA 4 – Tainara Machado

Cena: Imagem da piloto 4 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 6,7 e 8.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo.

Ângulo: ¾ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 6: Quais foram as tuas maiores superações no esporte? E como tu analisa a questão de mulheres cada vez mais entrarem pra esse mundo?

PERGUNTA 7: Tu acredita que ainda existe o

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

preconceito com as mulheres no esporte?
Existe machismo no velcross?
PERGUNTA 8: Você já sofreu alguma atitude machista? Qual?

PLANO 31

Tela preta e insere lettering.
Efeito: Fade in
TEXTO: "O QUE ELAS DESEJAM"

PLANO 32

PILOTA 1 – Maiara Basso

Cena: Imagem da piloto 1 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 9 e 10.

Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerdo do vídeo.

Ângulo: $\frac{3}{4}$ do lado esquerdo.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 9: O que tu espera pro futuro do velcross feminino no Brasil?

PERGUNTA 10: O que tu espera pro teu futuro no velcross?

PLANO 33

PILOTA 2 – Leticia Bordin

Cena: Imagem da piloto 2 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 9 e 10.

Lettering com o nome da piloto posicionado a direita do vídeo.

Ângulo: $\frac{3}{4}$ lado direito.

Movimento de câmera: fixo.

PERGUNTA 9: O que tu espera pro futuro do velcross feminino no Brasil?

PERGUNTA 10: O que tu espera pro teu futuro no velcross?

PLANO 34

PILOTA 3 – Angélica Laimer

- Trilha sonora em BG. (Alta BG)

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com entonação alegre.

- **LOCUÇÃO ON**
Voz feminina, suave e com

<p>Cena: Imagem da pilota 3 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 9 e 10. Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo. Ângulo: ¾ do lado esquerdo. Movimento de câmera: fixo. PERGUNTA 9: O que tu espera pro futuro do velcross feminino no Brasil? PERGUNTA 10: O que tu espera pro teu futuro no velcross?</p> <p>PLANO 35 PILOTA 4 – Tainara Machado</p> <p>Cena: Imagem da pilota 4 com roupa de piloto, sentada com cenário a definir, respondendo a pergunta 9 e 10. Lettering com o nome da piloto posicionado a esquerda do vídeo. Ângulo: ¾ do lado esquerdo. Movimento de câmera: fixo. PERGUNTA 9: O que tu espera pro futuro do velcross feminino no Brasil? PERGUNTA 10: O que tu espera pro teu futuro no velcross?</p> <p>PLANO 36 Cena: Pilotas andando de costas, fardadas, com o capacete na mão. Efeito: Câmera lenta. Serão filmadas uma a uma individualmente, dando o efeito de cada uma aparecendo de uma vez. Ângulo: Contra Plongée/Frontal. Movimento de câmera: Fixo Plano: Plano Geral Conjunto.</p> <p>PLANO 37 Imagem: Tela preta com a logo do nome do produto. Efeito: Fade in e Fade Out.</p>	<p>entonação alegre.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● LOCUÇÃO ON Voz feminina, suave e com entonação alegre. ● Trilha sonora em BG. (Alta BG) ● Trilha sonora em BG. ● Trilha sonora decrescente.
---	---

O campeonato gaúcho realizado anualmente em Dona Francisca - RS, é uma das diversas atividades que ocorrem em comemoração ao aniversário da cidade. A pista localizada dentro do Parque Histórico Municipal Obaldino Tessele, onde acontecem outras atividades decorrentes da programação, recebe além de seus moradores e habitantes das cidades vizinhas, admiradores do esporte, que podem conferir de perto a atuação dos pilotos do nosso estado. Por isso, se fez necessária a escolha por um espaço, dentro do local escolhido, onde as entrevistas pudessem ser realizadas sem que houvesse interferências.

A escolha pelo Porto Rio Jacuí, localizado dentro do parque, se deu pelo fato de que, além de caracterizar-se como um ambiente relativamente propício para o cenário (estética e iluminação), geograficamente, estava afastado das aglomerações de público, reduzindo cortes de cenas e melhorando a qualidade do som captado. Ainda no que tange a escolha das locações, a Pista do Mortari, escolhida para a captação das cenas de abertura, se deu por conta de que, não foi possível realizar todas as gravações nos dois dias de campeonato, assim sendo, escolheu-se a pista mais próxima e legalizada da cidade de Santa Maria - RS, para que pudessem ser finalizadas as gravações.

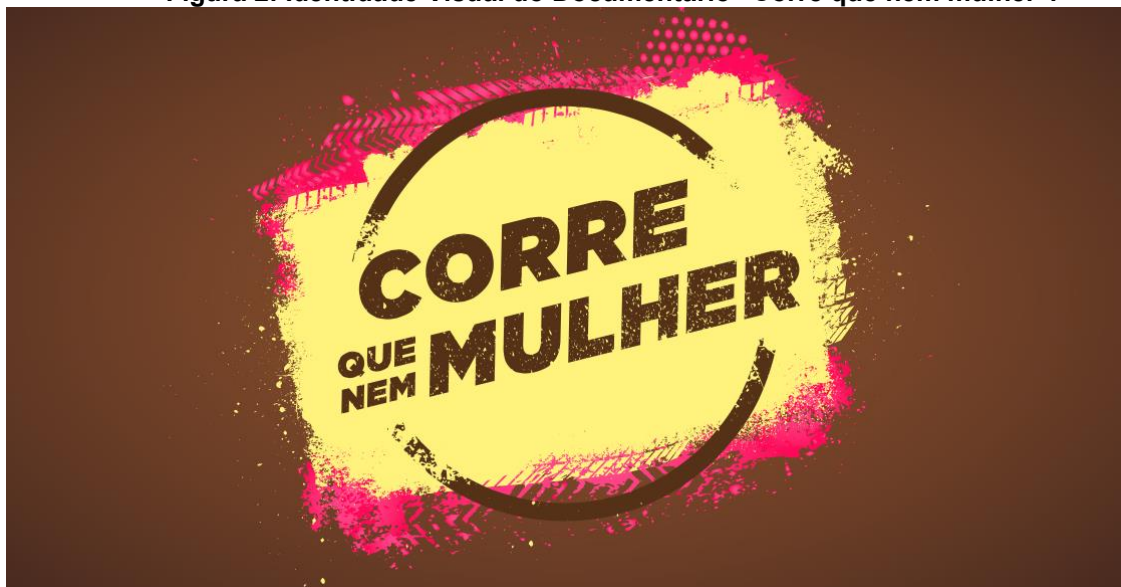
Os equipamentos utilizados para a captação de imagens, em sua totalidade externas, foram duas câmeras semi-profissionais, Nikon D5300 e uma Canon T2i, além de um microfone Shotgun Yoga Direcional, um tripe WT-350 e um rebatedor. Para uma melhor logística e para que as gravações pudessem acontecer, de acordo com os horários do campeonato e as provas das pilotas, estipulou-se um cronograma de gravação, onde sem recursos financeiros, constituiu-se uma equipe formada por cinco pessoas - estes que na ocasião eram entes próximos da autora do projeto. Sendo eles dois operadores de câmera, um operador de microfone, um operador de rebatedor e a autora como diretora.

Após alinhamento das atividades de pré-produção, obteve-se então a produção do filme documentário, que segundo Zettl (2011, p.3), aborda todas as atividades de gravação. Cada entrevista teve duração de vinte a trinta minutos, onde as entrevistadas, sentadas sobre um banco, responderam dez perguntas (APÊNDICE A), previamente preparadas pela autora deste projeto, através da elaboração do roteiro de duas colunas, onde na ocasião, algumas perguntas direcionadas a piloto profissional Maiara Basso, tiveram de ser adaptadas, uma vez que a piloto possui vivências diferentes das demais.

O processo de pós-produção, definido ainda por Zettl (2011), se dá pela edição do material resultante da segunda fase, que pode vir a necessitar de recursos como a computação gráfica, efeitos, trilha sonora, dublagem, locução e outros. Por isso, o processo de pós-produção se deu, primeiramente, na análise das imagens e no processo de decupagem, etapas em que as melhores cenas foram selecionadas, resultando em um esqueleto bruto de imagens. Isso foi permitido pelo posterior processo de edição, que aconteceu no Estúdio 21¹¹ com o apoio de Rafael Silveira e demais técnicos.

O processo de pós-produção ainda contou com o processo de criação da identidade visual do projeto (Figura 2), criado em parceria com uma aluna do curso de Desenho Industrial da UFSM a fim de identificar o filme por meio de peças gráficas que representem em símbolos, formas e cores, a mulher e o esporte, que neste projeto representam força, amor, superação, feminilidade, prosperidade e desejo.

Figura 2: Identidade Visual do Documentário “Corre que nem mulher”.



Fonte: resultado do estudo. Elaborado por Camila Bartholomei.

¹¹ Laboratório da Universidade Federal de Santa Maria, que destina seu uso a alunos em trabalho de conclusão de curso.

Figura 3: Créditos referentes às atletas.



Fonte: resultado do estudo. Elaborado por Camila Bartholomei.

A marca traz três cores predominantes como o amarelo, que indica a luz e a prosperidade - termos analisados a partir das falas das pilotos. A cor rosa, que não define um padrão de cor para o gênero, mas apenas um indicativo de feminilidade da mulher, que mesmo em um esporte bruto, não deixa as questões femininas de lado. Por fim, a cor marrom, que faz referência às pistas de terra e ao barro comuns nas modalidades abordadas neste estudo.

Além das cores, os formatos escolhidos para a marca, compõem representações significativas em relação ao esporte, com o círculo em volta dos letreiros que indica a roda da moto, bem como as faixas em rosa e amarelo, distorcidas, que representam as marcas dos pneus e os pontos, que reforçam a poeira.

O documentário originado pelo presente estudo apresenta a ficha técnica e sinopse a seguir:

- Formato: Documentário.
- Duração: 12"46'
- Temática: Mulher no esporte
- Direção Geral: Tainara Machado
- Produtor: Tainara Machado
- Roteirista: Tainara Machado
- Cinegrafista: Marcos Oliveira e Jéssica Ribeiro

- Assistente de produção: Bruno Filippini, Jessica Oliveira e Pedro Guilherme
- Operador de microfone: Bruno Filippini
- Edição: Tainara Machado e Leonardo Araujo.
- Assistente de edição: Rafael Silveira
- Imagens do Youtube: Tiago RaceCross
- Fotografias: Carolina Genro, Anisteu Faggion e CBM
- Entrevistados: Maiara Basso, Leticia Toescher e Tainara Machado
- Narração: Márcio Frozza
- Identidade Visual: Camilla Bartholomei Santos

Sinopse:

Documentário acadêmico que relata a participação de três pilotas de velcross e motocross, na 3ª Etapa do Campeonato gaúcho de velcross, realizado na cidade de Dona Francisca- RS, em julho de 2018. Com filmagens no local, o documentário busca valorizar o testemunho das atletas acerca das dificuldades e realizações de competir em um esporte de predominância masculina. A obra propõe uma reflexão acerca da realidade das entrevistas no que diz respeito ao preconceito com mulheres em esportes denominados culturalmente “para homens”.

O filme tem no testemunho oral as experiências vivenciadas no esporte por Maiara Basso, Tainara Machado e Letícia Toescher, que relatam as sensações proporcionadas pelo esporte e as dificuldades encontradas diariamente para manter-se no esporte.

Quem são estas atletas, que contrariando as relações de poder, lutam incessantemente na busca por um espaço, através da sua força, garra e claro, charme e elegância. Não é, e sem pretensões de sê-lo, o testemunho definitivo de todas as pilotas participantes do campeonato gaúcho ou praticantes das modalidades. Mas é certamente, uma tentativa honesta de dar voz aos próprios protagonistas de uma história, que ainda resiste ao tempo e aos apelos da modernidade.

8. CONSIDERAÇÕES

A produção do filme documentário foi motivada pela possibilidade da autora, e praticante de velcross, registrar a presença da mulher no esporte e provocar reflexões sobre desigualdade de gênero, além de divulgar o envolvimento afetivo que competidores possuem com o esporte sobre duas rodas. Por meio do relato de três entrevistadas e pela obtenção do produto final considera-se que os objetivos definidos para esta pesquisa foram atingidos.

O documentário “Corre que nem mulher” é realidade. Reais também são as dificuldades ainda enfrentadas pelas pilotas de velcross e demais esportistas de modalidades diversas que buscam quebrar paradigmas e demonstrar para uma sociedade histórica e culturalmente acomodada que não há esportes que a mulher não possa ingressar, superar limites e exercer sua relação afetiva pessoal ou até contribuir para a igualdade de gênero. Nesse contexto, e, considerando os resultados obtidos nas entrevistas, considera-se importante não nomear essa seção como “considerações finais”, uma vez que, este estudo é apenas uma premissa para a visibilidade que pilotas de velcross e mulheres do esporte necessitam para avançar no reconhecimento ao esporte que praticam.

Sabe-se que, para identificar as contribuições do produto originado por este estudo para a temática abordada, bem como a receptividade dos espectadores e as motivações que irá promover no público que atingir, faz-se necessário, publicá-lo e posteriormente realizar uma pesquisa de opinião ou ainda acompanhamento da disseminação do mesmo pelos meios de comunicação disponíveis. Entretanto, as referências teóricas que constituíram o processo textual deste projeto experimental e a vivência durante a atuação no velcross e na elaboração do documentário, permitem inferir que a sociedade, é, “nada mais nada menos” do que um conjunto de culturas, que ora avança ora regressa. Modifica constantemente a relevância do que lhe cerca e, portanto, alimenta a inquietude que originará novos estudos e análises acerca deste tema e temas adjacentes.

É nesse contexto que o profissional de relações públicas deve atuar, estando um passo à frente das tendências sociais que demandarão visibilidade. Assim sugere-se continuidade de pesquisas e criação de produtos de comunicação para

não permitir regressos sociais, mas sim avanços nos cenários da igualdade de gênero e valorização da mulher.

6. REFERÊNCIAS

ALONSO, Luiza Klein. **Mulher, Corpo e Mitos no esporte**. In.: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). *Mulher e Esporte: Mitos e verdades*. São Paulo, Ed. Manole Ltda, 2003, p. 35-47.

AMBRUST, Igor; PEREIRA, Dimitri Wuo; RICARDO, Denis Prado. **Esportes Radicais de Aventura e Ação: conceitos, classificações e características**. São Paulo: Rev Corpoconsciência, v.12, n.1, 2008. Disponível em: <http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/viewFile/3486/2429> acesso em 15/11/2018.

AMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **Pluralidade Cultural: Os esportes radicais na educação física escolar**. Porto Alegre: Movimento, v.18, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/14937/17352> acesso em 18/11/2018.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 2 - O poder da identidade, Manuel Castells. Revista Sociologias, Porto Alegre, 1999, p. 304-313. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/6936/4210> acesso em 17/11/2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. 11.ed, RJ, Bertrand Brasil, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod_folder/content/0/BOURDIEU_A%20domina%C3%A3o@20masculina.pdf?forcedownload=1 acesso em: 17/11/2018.

BRASIL. **Decreto de lei nº. 3.199 de 14 de abril de 1941, artigo 54**. Conselho Nacional de Desportos. Versão Impressa.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. 2 - O poder da identidade. SP, Ed paz e terra, 1999.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ed Unijuí, RS, 2005.

MOURÃO, Ludmila. **Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas**. In.: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). *Mulher e Esporte: Mitos e verdades*. São Paulo, Ed. Manole Ltda, 2003. p. 123-152.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5.ed. São Paulo. Ed. Papyrus. 2010

SCHMIDT, Josseane de Freitas. **As mulheres na revolução francesa**. Revista Thema, RS, 2012. Disponível em : <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/147/67> Acesso em: 17/11/2018.

SCHWARTZ, Gisele Maria; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; PEREIRA, Leonardo Madeira; CHRISTOFOLETTI, Danielle Ferreira Auriemo; DIAS, Viviane Kawano **Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina**. Revista Motricidade. vol.9 no.1 Vila Real jan. 2013. ¹Instituto de Biociências,UNESP-RC – Universidade Estadual Paulista- Campus de Rio Claro, Brasil.

SCHWARTZ, Gisele Maria; PEREIRA, Leonardo Madeira; FIGUEIREDO, Juliana de Paula; CHRISTOFOLETTI, Danielle Ferreira Auriemo; DIAS, Viviane Kawano. **Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura**. Revista Brasileira de CIÊNCIAS DO ESPORTE. 2016. Artigo original. Versão Impressa.

SIMÕES, Antonio Carlos. **A mulher em busca de seus limites no esporte moderno**. In.: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). *Mulher e Esporte: Mitos e verdades*. São Paulo, Ed. Manole Ltda, 2003. p. 1-33.

SIMÕES, Antonio Carlos; CONCEICAO, Paulo Felix Marcelino; NERY, Maria Aparecida da Camara. **Mulher, Esporte, Sexo e Hipocrisia**. In.: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Ed. Aleph, 2004. p. 63-86.

SOUZA, Nicole Manzke. **Estilos de vida e Velocross: uma investigação com pilotos do Rio Grande do Sul**. RS, Revista Didática Sistemática, v.16, 2014, p 136-151. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38738065/5217-14817-1-SM.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543098869&Signature=OXh7Zba2Joh30u2YM%2B0g3DmrUbw%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DESTILOS_DE_VIDA_E_VELOCROSS_UMA_INVESTIG.pdf acesso em 24/11/2018.

TAUBLIEB, Paul; FREEMAN, Jon. **UNCHAINED: The Untold Story of Freestyle Motocross**. 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80109089> acesso em 25/11/2018.

ZETTL, Herbert. **Processo de produção de televisão**. In.: Manual de produção de televisão. pp. 2-7. Registros de aula da disciplina de Produção Audiovisual da UFSM.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE PERGUNTAS REALIZADAS ÀS ENTREVISTADAS:

PERGUNTA 1: Como você começou no esporte, qual é a tua rotina de preparação e o que o esporte representa na tua vida?

PERGUNTA 2: Quais foram as tuas maiores dificuldades no esporte?

PERGUNTA 3: Quais são as pessoas que mais te incentivam a ser piloto de velcross?

PERGUNTA 4: Já passou por momentos em que tu pensou em desistir ou imaginou que jamais conseguiria estar aqui, competindo em um campeonato gaúcho?

PERGUNTA 5: Qual o melhor momento dentro da pista? E Por quê?

PERGUNTA 6: Quais foram as tuas maiores superações no esporte? E como tu analisa a questão de mulheres cada vez mais entrarem pra esse mundo?

PERGUNTA 7: Tu acredita que ainda existe o preconceito com as mulheres no esporte? Existe machismo no velcross?

PERGUNTA 8: Você já sofreu alguma atitude machista? Qual?

PERGUNTA 9: O que tu espera pro futuro do velcross feminino no Brasil?

PERGUNTA 10: O que tu espera pro teu futuro no velcross?